

Lúcia Leitão

Arquiteta e urbanista, professora adjunta IV da Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Av. Acadêmico Hélio Ramos s/n, Cidade Universitária, CEP 50670-901, Recife, PE, Brasil, (81) 2126-8303, luleitao@hotmail.com.br

Resumo

O objetivo do texto é chamar a atenção para a dimensão especular da relação sujeito-espaço edificado. Trabalha-se com a hipótese de que, a partir de uma experiência essencialmente subjetiva, a arquitetura se oferece como espelho e, ao fazê-lo, desempenha papel essencial na constituição do sujeito. As referências teóricas vêm da arquitetura (Quatremère de Quincy) e da psicanálise (Lacan). Conclui-se o texto argumentando que a dimensão imaginária da arquitetura abre possibilidades de pesquisas tão incipientes quanto fascinantes na teoria da arquitetura.

Palavras-chave: arquitetura, psicanálise, imaginário.

Um homem propõe-se a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos, e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que este paciente labirinto de linhas traça a imagem do seu rosto. Jorge Luis Borges (destaques meus).

O epilogo de Borges, em *El hacedor*, vem a propósito num texto cujo objetivo é refletir sobre uma possível *dimensão imaginária da arquitetura*.

O poeta refere-se a alguém que propõe a si mesmo o manejo cotidiano da arte de *desenhar o mundo*. Essa ideia permite refletir sobre a arquitetura, objeto principal deste texto. Uma outra ideia sugerida por essa escrita – instigante, certamente, para a teoria da arquitetura – é a de que, mesmo sendo o seu ofício, esse desenhador não sabe o que desenha. Assim, embora se proponha a desenhar o mundo, são as linhas do seu rosto que emergem do seu traço. Essa segunda inferência da escrita borgiana possibilita articular arquitetura e psicanálise, o segundo campo disciplinar aqui considerado.

Do que fala o poeta? O que diz de modo aparentemente ininteligível para os *desenhadores do mundo*?

Fala de *uma relação* cuja natureza extrapola, em muito, o corpo teórico da arquitetura. É esse o eixo, portanto, a partir do qual se organizam estas notas. Trata-se de um texto especulativo cujo objetivo é trazer à discussão *como, se, e em que medida* ideias-força da psicanálise podem contribuir para o alargamento dos pressupostos teóricos a partir do quais se tem tentado compreender o que é a arquitetura para além da sua materialidade.

O fio condutor para a elaboração do texto vem, pois, de dois conceitos-chave, um da psicanálise e outro da arquitetura, tidos como imprescindíveis para a construção do argumento que se pretende esboçar ao longo desta escrita. A noção de *imaginário, desenvolvida por Jacques Lacan (1966) a partir de o estádio do espelho – le stade du miroir* –, e a ideia de *tipo*, clássica na teoria da arquitetura, como se sabe, definida por Quatremère de Quincy (1977).

Nesse ponto importa informar ao leitor as razões da escolha dos suportes teóricos ora indicados. A opção por Lacan justifica-se não apenas porque o imaginário de que se trata aqui é uma categoria eminentemente lacaniana, mas também porque é essa construção teórica que permite compreender o papel da *imagem especular* na “*estruturação do Eu*” (Dor, 2003, p. 79), isto é, na constituição de parte importante da subjetividade humana, ideia fundamental frente à hipótese trabalhada ao longo deste texto.

¹ Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique.

² “Estádio [ou fase] é um termo usado sobretudo na biologia para indicar fase de desenvolvimento. [...] estádio do espelho significa uma fase de desenvolvimento infantil marcado por processos desencadeados a partir da internalização da imagem especular de si” (Safatle, 2007, p. 26).

³ É importante ter em mente que o eu não se confunde com o sujeito em termos psicanalíticos. Chama-se essa diferença quando anota que “o eu se situa em um eixo imaginário em oposição à sua própria imagem (narcisismo) ou a um semelhante” enquanto que “o sujeito existe na linguagem”, no domínio do simbólico, portanto (1995, pp. 208-209). O leitor interessado nessa questão pode ver, dentre inúmeras outras referências possíveis, O simbólico, o Imaginário, o Real (Cabas, 1982); o Sujeito do inconsciente (Dor, 2003), além da escrita lacaniana, naturalmente.

⁴ A ideia de corpo fragmentado aparece na clínica psicológica bem como na arte. Sobre essa ideia, remeto o leitor aos autorretratos de Picasso, assim como à literatura (ainda como exemplo sugiro a leitura de Infância de Graciliano Ramos, dentre muitos outros exemplos possíveis).

Quando ao texto clássico de Quatremère de Quincy a escolha se deve ao fato de que é desse texto seminal para o pensamento arquitetônico que emerge a noção de tipo como ideia e não como uma forma, ou como um traço em termos estritamente arquiteturais. Assim, embora no fazer arquitetônico essa ideia surja associada a uma forma projetual o tipo é irreduzível à sua expressão formal.

Sob essa perspectiva e de acordo com a articulação interdisciplinar proposta o tipo é explorado aqui como algo inscrito inconscientemente no psiquismo humano e não apenas como uma dedução analítica a partir de casos projetuais, formais, conforme assinala Argan (2000) quando escreve sobre o conceito de tipologia arquitetônica, ou como metodologia de projeto de que trata Alan Colquhoun (2006), ainda que a significação cultural e a importância imagética estejam presentes nas suas reflexões sobre a questão tipológica na arquitetura.

Espera-se, pois, que a articulação entre a noção lacaniana de imaginário e a noção de tipo tal como a definiu Quatremère de Quincy, ofereça uma explicação plausível para a escrita do poeta registrada como epígrafe nestas minhas notas breves. E mais: sugira outros caminhos a percorrer quando se trata de compreender a arte de edificar.

O texto está organizado em duas partes. Na primeira, expõe-se, sumariamente, a noção de imaginário, destacando-se os pontos fundamentais dessa categoria lacaniana frente aos objetivos deste texto. Na segunda parte, faz-se uma articulação entre essa categoria e o conceito de tipo. Conclui-se o texto argumentando que, se se considera sua dimensão imaginária, a arquitetura deixa de ser apenas “a cena onde decorre a nossa vida”, como queria Zevi (1977, p. 28), para se confundir com a própria vida enquanto experiência humana.

Breves referências teóricas

Corpo, imagem e reconhecimento

Em julho de 1949, em Zurique, durante a realização do XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Lacan apresentou aquele que viria a se tornar um dos mais conhecidos textos do prestigiado pensador francês: *O estádio do espelho como formador do Eu*.¹

Embora seja impossível discutir o estádio espelho², nos limites deste breve ensaio, é necessário que se indiquem, ainda que brevemente, os pontos-chave que, presentes nessa construção teórica, possibilitam a elaboração do argumento apresentado.

A ideia central da fase do espelho é o reconhecimento do Eu³ a partir da imagem corporal refletida num espelho. Com essa ideia, Lacan chama a atenção para uma experiência constitutiva do Eu, subjetiva por definição. Uma experiência “[...] que nos opõe a toda a filosofia oriunda do Cogito”, diz ele, a partir da qual o “pequeno homem” (1966, p. 91 e 94, respectivamente) reconhece como sua a imagem especular que tem à frente.

A partir dessa ideia Lacan convida os seus ouvintes e, posteriormente, os seus leitores, para refletirem sobre essa experiência fundamental. Para tanto, destaca “o espetáculo surpreendente de uma criança em frente do espelho” (idem, p. 93), vivenciado num período muito particular da vida, aquele que se passa entre os seis e os dezoito primeiros meses de vida de um bebê. É esse o momento psíquico em que o bebê reconhece, pela vez primeira, como sendo sua a imagem especular. Afinal, convém lembrar, nos primeiros meses de vida um bebê não tem consciência da sua unidade corpórea, tampouco da imagem do seu corpo. Até o momento em que se dá essa experiência humana fundamental, o bebê imagina-se de forma fragmentada⁴ – tendo como referência as distintas partes do corpo –, ou como sendo apenas uma extensão do corpo materno.

Assim, ao ver a si mesmo diante de um espelho, o bebê se surpreende enormemente – como bem testemunha o poeta: “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito” (Barros, 2000, p. 37). A primeira reação é a de pensar que se trata de um outro bebê. Num segundo momento, como decorrência do processo de desenvolvimento

psíquico, a criança compreende que a imagem refletida é a sua própria imagem. E encanta-se, de modo definitivo, com a imagem especular que tem diante de si.

Um encantamento expresso no “afadigamento jubilatório”, ainda de acordo com Lacan no texto citado, facilmente perceptível a qualquer um que acompanhe o desenvolvimento infantil.⁵ Assim, numa fase em que a criança ainda não tem o domínio da palavra, tampouco o do caminhar, o bebê vence esses obstáculos em busca do prazer que essa primeira experiência especular proporciona. O prazer de ver, pela vez primeira, *a imagem do seu rosto*.

No entanto, embora essencial, a imagem que o espelho reflete não é suficiente para o reconhecimento do Eu. A experiência especular exige uma “autenticação” concedida por um outro, um outro que agora se oferece como espelho. Uma experiência que Chemama registra assim:

[...] o que é essencial, no triunfo da assunção da imagem do corpo no espelho, é que a criança, carregada pela mãe [ou por alguém que desempenhe a função materna] cujo olhar a olha, vira-se para ela como para lhe pedir que autentifique sua descoberta. [...], não é nunca com os seus próprios olhos que a criança se vê (1995, p. 58).

Ao chamar a atenção para a importância desse outro, agora especular – “o olho se olha no olho que o olha” (Cabas, 1982, p.19) –, na constituição psíquica do humano, Lacan ratifica o conceito de identificação do qual se ocupou Freud.⁶

A ideia-força que o conceito de identificação traz à tona é a questão da imprescindibilidade do outro na constituição do sujeito. É nesse processo de desenvolvimento psíquico que o outro se oferece como espelho. Incapaz de ver seu próprio rosto – conforme assinala personagem de Win Wenders, em *Lisbon Story* –, é mirando no outro, anterior e exterior ao sujeito, que o ser humano pode ver a si mesmo, reconhecer-se, portanto, em sua humanidade. Assim, embora a identificação se dê no aparelho psíquico individual, num processo intrapsíquico particularíssimo, a ideia de que quem se identifica o faz com algo que lhe é exterior, com um objeto⁷ externo, portanto, constitui-se na premissa básica

quando se trata de compreender a constituição da subjetividade.

A segunda ideia a destacar da noção lacaniana de imaginário é, pois, a imprescindibilidade de um outro, especular, externo ao eu, portanto, para a constituição interna do eu.

Nesse ponto, em busca de maior clareza e também de maior rigor conceitual, convém assinalar em atenção ao leitor menos familiarizado com a psicanálise que, em termos estritamente lacanianos, o eu não se confunde com o sujeito do inconsciente. No entanto, a discussão dessa questão extrapola, em muito, os objetivos deste texto, cujo suporte teórico não é a teoria psicanalítica como um todo, nem mesmo o pensamento lacaniano em sua inteireza, mas sim um texto em particular. Assim, frente a esses objetivos importa assinalar aqui a importância fundamental da identificação imaginária na constituição do Eu tal qual a concebeu Lacan no texto de 1949, anteriormente indicado.

Patrocinada por um espelho, repita-se, real ou metafórico, a imagem interna definida a partir desses dois tempos psíquicos, tem a autoimagem como referência – e é nesse ponto que se espera poder articular, adiante, a noção de tipo. Tomada como referência, essa imagem dará suporte psíquico – é essa a ideia de estruturação do eu anotada antes – para que o eu se relacione, tanto com o outro, o semelhante, quanto com a cultura do qual emerge, tomando a si mesmo como medida.

Tida como ideal e inscrita para sempre no psiquismo ainda que a identificação não seja estática, nem seja redutível ao visual (Chemama, 1995), essa imagem do *Eu ideal* – mais um tributo lacaniano a Freud, uma vez que a noção de Eu ideal foi desenvolvida por Freud em *Introdução ao narcisismo* –, definirá o modo como o Eu se relacionará com o ambiente que o envolve, tanto na maneira de apreender esse ambiente quanto no modo de produzi-lo. Afinal, como anota Safatle (2007, p. 31) citando Lacan: “É sempre em volta da sombra errante do seu próprio eu que se estruturarão todos os objetos do seu mundo”.

A terceira ideia a sublinhar da fase do espelho é, pois, o seu papel fundamental na construção da imagem interna ideal. Uma imagem que, a partir

⁵ O júbilo de que fala Lacan pode ser visto no filme: Jacques Lacan: La psychanalyse réinventée, de Elisabeth Kapnist.

⁶ O conceito de identificação aparece, notadamente, em: FREUD, Sigmund. [1929-30] *Psicología de las masas y análisis del yo* e em [1914] *Introducción al narcisismo*. In *Obras Completas* 2564-2610 e 2017-2033, respectivamente. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973.

⁷ Na teoria psicanalítica, “a palavra objeto não designa a pessoa exterior do outro, ou aquilo em sua pessoa que me é dado perceber conscientemente, mas a representação psíquica inconsciente desse outro. [Assim,] o outro chamado externo pode corresponder a uma evocação muito remota de alguém que talvez sequer tenha existido: um personagem mitológico, uma figura do romance familiar, etc., [...] registrado[s] à minha revelia no inconsciente”. J. Nasio. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 102).

de então, guiará esse “eu errante”, vida afora, em busca de si mesmo. Uma realidade psíquica descrita assim por Fernando Pessoa: “A minha imagem, tal qual eu a via nos espelhos, anda sempre ao colo da minha alma” (2008, p. 56).

Seria esse encantamento – e essa busca por esse *eu imaginário* – o elemento propulsor que comanda o desenhador do mundo? Se assim é, não surpreende que o labirinto de linhas que emerge do seu traço esboce *a imagem do seu rosto*.

Arquitetura, imagem e reconhecimento

Pensar a arquitetura como uma experiência especular implica trazer a forma para o centro destas reflexões especulativas. Mas não a forma da qual se ocuparam os tratadistas clássicos da arquitetura. Não a forma pensada como resultado do arranjo tridimensional que cada volume arquitetônico expressa, mas, sim, a forma que se apreende a partir de um registro imaginário, inconsciente por definição.

Implica, portanto, considerar que o espaço edificado, isto é, a arquitetura, “não é de modo algum uma geometria, menos ainda uma volumetria”, mas, antes, uma experiência que se assenta no psiquismo. Uma experiência que faz do “construir [...] um gesto cuja origem não é a causa” (Salignon, p. 91 e 100, respectivamente)⁸.

Na teoria da arquitetura, a definição de tipo, tal como a formulou Quatremère de Quincy (1977), parece ser o elemento-chave para a compreensão dessa ideia complexa.

Uma primeira possível articulação da noção de tipo com a ideia lacaniana de imaginário é a sua preexistência em relação ao ato de arquitetar, isto é, sua anterioridade ao traço definido pelos desenhadores do mundo. “Nada vem do nada”, escreveu Quatremère de Quincy no texto citado (p. 619). “Quando um tipo se fixa na prática ou na teoria da arquitetura, ele já existe [...] como resposta a um conjunto de exigências ideológicas, religiosas ou práticas” (Argan, 2000, p. 66). Assim, quando um tipo se faz forma, e assim arquitetura, ele já existe como resposta a um conjunto de exigências psíquicas⁹ – precisamente aquelas que impelem o Eu errante a estruturar todos os objetos do mundo tendo como referência a imagem especular –,

se se tem como válida a articulação teórica ora proposta.

É preciso lembrar que o tipo é uma ideia abstrata, “a metaphysical entity”¹⁰, uma ideia geradora de uma forma, e não um modelo que simplesmente se reproduz, conforme indicou, muito apropriadamente, Quatremère de Quincy (1977, p. 619): “Eles confundem a ideia de tipo (o princípio original das coisas) que nem ordena nem provê o motivo ou o meio de uma aparência exata, com a ideia de modelo (a coisa completa) [...]”¹¹.

É como ideia que se faz imagem – na medida em que gera uma forma –, mas não modelo, definido e objetivo, que o tipo pode ser pensado como parte de uma rede ou registro (Cabas, 1982) próprio do imaginário, no sentido lacaniano do termo. Em outras palavras, é como uma forma apreendida imaginariamente que o tipo se insere na intrincada teia de artimanhas psíquicas que constitui o humano. É como forma, apreendida imaginariamente, repita-se, que a arquitetura – “impressa em nós” (Rossi, 1995, p. 16) – se faz espelho, “um espelho encantado”, ainda na surpreendente intuição de Quatremère de Quincy no texto citado.

Se assim é, tem-se uma outra motivação para o ato de edificar irredutível à imitação da natureza como queriam alguns teóricos da arquitetura. Uma motivação que tampouco pode ser tida como uma simples resposta para as necessidades objetivas do habitar frente às intempéries de um ambiente hostil, uma ideia muito presente nos textos que se debruçam sobre as razões primeiras da arte de edificar.

À luz da noção lacaniana de imaginário, talvez se possa considerar que a forma que o tipo explicita sugere uma outra escolha – por parte dos desenhadores do mundo –, distinta daquelas ditadas apenas pela razão, fartamente conhecidas pela arquitetura. Uma outra escolha definida por um conjunto de exigências psíquicas, até bem pouco tempo sequer suspeitadas pela teoria da arquitetura. Desse modo e graças a essas exigências,

escolhemos viver na ordem visual, e não na ordem verbal. Escolhemos, assim, viver parte de nossas vidas, [a que diz respeito à arte de edificar], regidos pela ordem materna – aquele registro [...] que é guiado pelo imaginário materno [...] (Bollas, 2000, p. 31).

⁸ Tradução livre da autora. No original: “L’espace pour l’homme n’est aucunement une géométrie, moins encore une volumétrie” e “Construire c’est prolonger un geste dont l’origine n’est pas la cause [...]”.

⁹ Argan não se refere explicitamente ao psiquismo humano quando fala da complexa rede as exigências à qual o tipo deve responder. Centrado no conceito de tipo na arquitetura o foco desse autor é o tipo como categoria analítica e elemento projetual. No entanto, a meu ver, a compreensão do tipo como elemento que emerge de exigências complexas – ideológicas, religiosas, etc. – implica compreendê-lo, também, como um elemento que emerge da vida inconsciente. Como um elemento de cultura, à exemplo da linguagem que nos define humanos. Como algo, portanto, anterior e exterior a cada projetista, mas presente inconscientemente em sua experiência humana e criativa como referência imaginária de sua humanidade.

¹⁰ A expressão é de Anthony Vidler, na introdução ao verbete tipo de Quatremère de Quincy. In *Oppositions*, v. 8, p.: 617-620, 1977.

¹¹ Tradução livre da autora. Na versão consultada: “They confound the idea of type (the original reason of the things) which can neither command nor furnish the motif or the means of an exact likeness, with the idea of the model (the complete thing) [...]”.

Escolhemos, portanto, desenhar o mundo guiados pelo olhar materno, o espelho metafórico que ratifica a imagem do Eu, conforme se anotou antes. Uma escolha surpreendente para a arquitetura na medida em que associa a figura materna à arte de edificar. Tanto e em tal medida que o poeta assim se expressa: “Disse minha Mãe. E é em ti que penso, ó Casa” (Miloz, citado por Bachelard, 1978, p. 227).

Subjetiva e inconsciente, consequência do espetáculo surpreendente próprio da identificação espacial (Lacan, 1966), essencialmente narcísica, como se sabe, essa outra “escolha” ajuda a compreender porque os desenhadores do mundo, refletindo a imagem especular, imprimem a imagem do seu rosto nas linhas definidas pelo seu traço.

Determinada por exigências psíquicas, repita-se, inconscientes por definição, essa escolha ajuda, ainda, a compreender porque o desenhador do mundo não sabe o que desenha. Afinal, atendendo a motivações inconscientes, “o tipo [como essência da arquitetura] nem ordena nem provê o motivo ou o meio” que o seu desenho materializa.

Nesse ponto, talvez seja possível considerar um outro motivo, além da objetividade, para o fato de a arquitetura ter tomado, desde sempre, o corpo como medida (Norberg-Schulz, 2001) e referência. À luz da teoria lacaniana, essa talvez não seja uma escolha tão objetiva quanto pareceu aos teóricos da arquitetura. Talvez o corpo, mais do que uma medida prática apropriada pelos desenhadores do mundo, seja, também para a arquitetura, um registro imaginário do qual não é possível fugir.

Freud apontou para essa direção. Assim, tratando da vida psíquica em sua expressão onírica, registrou a ideia de que a casa – o objeto arquitetônico por excelência – “é o que constitui a única representação típica, isto é, regular, da totalidade da pessoa humana”¹² (1973, p. 2214). Em outras palavras, casa e sujeito se confundem como se fossem um só, ainda que seja em sonhos.

Essa “confusão”, no entanto, entre o sujeito e o ambiente que edifica não é um fenômeno expresso apenas nos sonhos, manifestação privilegiada da

vida inconsciente. São muitas as narrativas literárias nas quais é possível perceber que casa e sujeito se “confundem”. Reiner Maria Rilke, por exemplo, num texto instigante, escreveu:

Não tornei mais a ver no decorrer do tempo essa estranha morada. Tal como a encontro em minha lembrança infantil, ela não é uma construção: está fundida e repartida em mim: aqui um cômodo, acolá outro cômodo e um fundo de corredor que não liga mais esses dois cômodos, mas está conservado em mim como fragmento. Foi assim que tudo se espalhou em mim, os quartos, as escadas, vãos estreitos que subiam em espiral na escuridão dos quais caminhávamos como o sangue nas veias (citado por Bachelard, 1978, p. 234).

Como se vê, o poeta sugere uma experiência arquitetônica vivenciada ao modo de registros infantis próprios do estágio do espelho – espaços fragmentados apreendidos de modo unitário. Uma experiência a partir da qual quartos, corredores, cômodos distintos, estavam imaginariamente inscritos nele como fragmentos. Fragmentos que, uma vez associados, formavam uma unidade reconhecível: a casa do poeta, sua estranha morada.

Se não se perde de vista que a primeira percepção que o indivíduo humano tem de si é a de um corpo fragmentado, registrada anteriormente, a escrita do poeta ganha uma outra conotação. Sob esse outro modo de refletir, o texto começa a fazer sentido não apenas como uma narrativa poética, mas também como expressão de um fenômeno psíquico que coloca a arquitetura como parte da experiência especular que define o humano. Uma experiência, desta feita espacial, impressa no psiquismo como uma linha num rosto.

É, pois, como uma ideia que se materializa numa imagem, externa ao desenhador do mundo, apreendida por meio de um registro psíquico inconsciente, que o tipo –, aqui compreendido não como categoria analítica, racional, material, mas como registro imaginário, vago, impreciso, – se oferece como espelho, capaz de refletir, assim, a imagem do desenhador do mundo.

À luz dessa ideia, a arquitetura deixa de ser apenas uma construção objetiva para se mostrar como

¹² Tradução livre da autora. Na versão consultada: “La casa es lo que constituye la única representación típica; esto es, regular, de la totalidad de la persona humana [...]”.

uma experiência marcadamente subjetiva. Sob essa perspectiva, muito mais do que proporcionar um espaço para o abrigo, a arquitetura também se oferece como espelho. Um espelho capaz de refletir o humano em sua unidade, agora não mais no sentido corporal, mas, sim, como uma realidade existencial.

Anotações finais

Uma vez tida como válida a hipótese trabalhada ao longo deste texto, a arquitetura desempenha um papel na vida humana ainda por melhor investigar. A partir dessa hipótese, a arquitetura é, sim, “a construção última de uma elaboração complexa” (Rossi, 1995, p. 4), mas essa construção tem como origem o psiquismo humano, e não o traço arquitetônico em sua racionalidade.

Assim sendo, os desenhadores do mundo não sabem o que desenham porque menos criam do que reproduzem, na forma que o seu traço materializa, linhas imaginárias socialmente definidas e inconscientemente apreendidas.

Em outras palavras, os desenhadores do mundo imprimem as linhas do seu rosto na forma que produzem porque essa é a imagem que trazem impressas em si mesmos como parte da experiência psíquica de estruturação do Eu. Se não se perde de vista que “é sempre em volta da sombra errante do seu próprio eu que se estruturarão todos os objetos do seu mundo”, é possível compreender com mais clareza como e por que esse fenômeno tem lugar na arte de edificar.

Uma ideia percebida de modo outra vez surpreendente por Quatremère de Quincy quando se refere à cabana primitiva, como sendo, ela mesma, de algum modo, um espelho encantado onde se encontraria a virtude, numa interpretação livre do que escreveu o autor no texto citado. Em outras palavras, mais coerentes com o texto lacanaiano, a cabana primitiva refletiria a imagem idealizada do Eu – circunstância que permitiria que nela se encontrasse a virtude. A virtude que o Eu vê em si mesmo como consequência do narcisismo próprio da instância imaginária. Uma imagem irrenunciável para o humano, como se pode ver na profusão de autorretratos – quando o artista toma a si como modelo ou referência – presentes na arte, seja na pintura, seja na literatura.

Essas ideias sugerem alguns pontos para reflexão. O primeiro indica uma possível razão para uma lacuna existente entre teoria e prática na arquitetura. Essa lacuna pode ter origem no fato de que ainda não avançamos suficientemente para além do físico quando se trata de compreender o que é arquitetura. Afinal, “à medida que os problemas transcendem o físico, os arquitetos se sentem completamente perdidos” (Norberg-Schulz, 2001, p.15).

Um segundo ponto diz respeito à proposição de que a arquitetura, mais do que um modo de construir, é uma maneira de experienciar a vida humana em sua complexidade. Em outras palavras, a arquitetura deixa de ser um meio para se mostrar um fim em si mesma.

No entanto, para avançar na compreensão dessa idéia, é preciso dar um passo adiante em relação ao aparato teórico da arquitetura. São ainda escassos os textos que oferecem uma contribuição para o pensamento arquitetônico à luz da subjetividade, nos moldes que a psicanálise compreende esse termo. Uma questão importante apontada por Bernard Tchumi (2006, p. 181) quando registrou o fato de que “a arquitetura ainda não começou a analisar as descobertas vienenses da virada do século”, menos ainda os desdobramentos dessas descobertas, a exemplo do pensamento lacanaiano.

Finalmente, concluo estas notas breves fazendo minhas as palavras de Lucio Costa. Pasmo diante de um belo conjunto de casas antigas, o desenhador de Brasília, num afadigamento jubilatório, assim se expressou: “A gente como que se encontra [...] e se lembra de coisas que a gente nunca soube, mas que estavam lá dentro de nós”.¹³ É quando a arquitetura se faz espelho. Um espelho encantado, como escreveu Quatremère de Quincy.

Referências bibliográficas

- ARGAN, Giulio. Sobre o conceito de tipologia arquitetônica. In Projeto e Destino. São Paulo, Ática, 2000.
- BARROS, Manoel. Livro sobre nada. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- BOLLAS, Christopher. “A Arquitetura e o Inconsciente”. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. São Paulo, III, 1, p. 21-46, 2000.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

¹³ Citado por Freyre, G. Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmiat, 1933, p. XXX.

- BORGES, Jorge. El Hacedor. Madrid, Alianza, 1999.
- CABAS, Antonio. Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan. São Paulo, Editora Moraes, 1982.
- CHEMAMA, Roland. Vocabulário de Psicanálise. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- COLQUHOUN, Alain. Tipologia e Metodologia de Projeto. In NESBIT, K. (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995) 179-182. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- DOR, Joel. Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre, Artes Médicas, 2ª reimpressão, 2003.
- FREUD, Sigmund. [1915-1917]. Lecciones Introductorias al Psicoanálisis. In Obras Completas. 2123-2413. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- FREUD, Sigmund. [1914]. Introduccion al Narcisismo. In Obras Completas 2017-2033. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- LACAN, Jacques. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In Écrits. Paris, Éditions du Seuil, 1966.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Intenciones en Architecture. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.
- PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego. São Paulo. Companhia de Bolso, 2008.
- QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine. "Type". Oppositions, v. 8. p. 617-620, 1977.
- ROSSI, Aldo. [1966]. A Arquitetura da Cidade. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- SAFATLE, Vladimir. Lacan. São Paulo: Publifolha, 2007.
- SALIGNON, Bernard. L'a Cité n'appartient à personne. Saint Maximin, Théétète, 1997.
- TCHUMI, Bernard. Arquitetura e Limites II. In NESBIT, K. (org.). Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1965-1995) 179-182. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- ZEVI, Bruno. Saber Ver a Arquitetura. Lisboa, Editorial Minerva, 1977.

A specular relationship: notes on the imaginary dimension of architecture

Lúcia Leitão

Abstract

This text aims at calling attention to the specular dimension of the relationship established between the subject and the constructed space. This text works with the hypothesis that from an experience, which is by definition subjective, architecture offers itself as a mirror, and, in doing so, performs an essential role in the constitution of the subject. The theoretical reference comes from architecture (Quatremère de Quincy) and of psychoanalysis (Lacan). The text argues that the imaginary dimension of architecture opens up a field of research on the theory of architecture that is as incipient as it is fascinating.

Keywords: architecture, psychoanalysis, imaginary.

Una relación especular: anotaciones sobre la dimensión imaginaria de la arquitectura

Lúcia Leitão

Resumen

El objetivo del texto es llamar la atención para la dimensión especular de la relación sujeto-espacio edificado. Se trabaja con la hipótesis de que, a partir de una experiencia esencialmente subjetiva, la arquitectura se ofrece como espejo y, al hacerlo, desempeña papel esencial en la constitución del sujeto. Las referencias teóricas vienen de la arquitectura (Quatremère de Quincy) y de la psicanálisis (Lacan). Se concluye el texto argumentando que la dimensión imaginaria de la arquitectura abre posibilidades de pesquisas tan incipientes cuánto fascinantes en la teoría de la arquitectura.

Palabras clave: arquitectura, psicanálisis, imaginario.